

AVE MARIA





**PUBLICAM SUAS PROMESSAS E AGRADECEM
GRAÇAS RECEBIDAS:**

DOIS CÓRREGOS — Uma devota, a São Lázaro. — D. Maria Borelli Scorteci, a N. S. do Perpétuo Socorro. — D. Francisca Mendes Scorteci, a Sto. Antônio. — Antonieta Piffer Gatti. — Engracia de Barros. — Amélia Stecca.

MINEIROS — Elisabeta Arbieri. — Ursulina Marinelli. — Carolina Marinelli. — Álvaro Ferrelra Luz.

SÃO PAULO — Sebastiana da Silva Minhoto, ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, N. Senhora Aparecida, N. Senhora da Penha, N. Senhora de Salette, e em favor de Maria Corrêa Minhoto, Palmiro e Aninha de Cega.

CATANDUVA — Dona Badia Jorge Curí, a São Judas Tadeu. — D. Assunta Nino, às almas. — Alcides Magri. — Iolanda Cafaro. — Ana Magri. — Luisa Rossi. — Rosa Mestrenello. — Maria Rossi. — D. Rosa Luodini. — D. Joaquina Iglesias, ao Sagrado Coração de Jesus e Santo Antônio. — D. Siova Batista de Sousa, a Sta. Rita.

SERENIDADE



João Frederico, eleitor da Saxonia, caiu em mão do imperador Carlos V.

— Sabes? — disse-lhe este — que decidí mandar matar-te?

— Vossa majestade poderá fazer comigo o que bem entender — retrucou serenamente João Frederico. — Mas não conseguirá atemorizar-me. Não temo a morte e estou disposto a recebê-la com o sorriso nos lábios.

O imperador nada respondeu. No entanto, dias pedois João Frederico foi notificado de que o haviam condenado à morte. O eleitor achava-se jogando uma interessante partida de xadrez com o duque de Brunswick quando lhe deram a notícia.

Sem se alterar e dando provas de um absoluto domínio sobre si próprio, disse:

— Toca-lhe a vez de jogar, senhor duque, embora eu creia que a partida já está perdida para mim.

E continuou jogando até que seu adversário o venceu. Só então abandonou o taboleiro para dispor de suas últimas vontades.

TANABI — Cândida Alves Garcia, às almas. — Maria Filisbina da Silva. — Maria Gertrudes Nazaré.

ARARAS — Ana dos Santos. — José Bressan. — César Tumagali. — Maria Cheravia.

ROCINHA — Margarida Barbosa, a N. S. Aparecida.

RIO PRETO — José Crippa. — Rosa Satti. — Angélica Satti. — Maria Menezello. — Norma Facetti Reis. — Srta. Jandira Delboni. — Teresa Loureiro. — Srta. Nazarena Binardi.

CATANDUVA — Uma devota do C. de Maria, a S. Judas e Sto Antônio. — Leonilda Queiroz. — Inês B. Ferro. — Giovana Delzotto. — João Bianchini. — Cristina Patriani. — Maria Nucci.

BROTAS — Maria Gomes, ao Coração de Maria.

RIBEIRÃO BONITO — Julieta Pallone, a Sto. Antônio, Beato Claret, São Judas Tadeu, N. Senhora e mais santos de sua devoção.

DOURADO — D. Francisca Machado dos Santos, às almas, São João Bosco. — D. Custódia Jacobucci Palota, a São João Bosco, São Judas Tadeu, N. S. do Perpétuo Socorro e Sta. Rita. — D. Garviana Gallotti, a N. S. do Perpétuo Socorro, S. Judas Tadeu, S. Lázaro e diversos santos de sua devoção. — D. Angélica Serafin, às almas. — D. Iolanda Donato, a Sto. Antônio. — Amábilis Jambom, às almas.

SANTA RITA PASSA QUATRO — D. Maria Conceição Cintra, ao Imaculado Coração de Maria. — Uma devota a N. Senhora.

CONSELHEIRO LAFAIETE — Sebastião Távares Baeta Neves, a São Judas Tadeu e mais santos de sua devoção.

NEVES — D. Teresa Serilhano, às almas.

BIRIGUI — D. Catarina Belmonte, em favor de Luiz B., às almas e a N. Senhora do Carmo. — D. Adelaide A. Silva, às almas. — D. Casilda Galdano, a N. Senhora do Parto e das Dóres, e em favor de Emílio B. e João L.



86 RECEITAS *Gratis!*

Poderá encontrá-las em "Meu Livro de Receitas", o qual, além de atraente e finamente ilustrado, contém uma variedade de receitas de toda espécie de pratos deliciosos com

MAIZENA DURYLEA

À MAIZENA BRASIL S. A. 31
CAIXA POSTAL, F - S. PAULO

Peço enviar-me, **gratis**, o "Meu Livro de Receitas"

Nome

Rua

Cidade

Estado



AVE MARIA

REVISTA SEMANAL

CATOLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:	
Perpétua	150\$000
Ano	10\$000
Número avulso	\$500
(Com aprov. eclesiástica)	

RED. E ADMIN.:
Rua Jaguaribe, 699
Fone: 5-1304 - Caixa, 615

OFICINAS: Rua Martin
Francisco, 646-656



Concessões e exigências, ——— causa da quédá do lar doméstico

O ANEL de ouro e a corôa de noivado e após a lua de mel perpetuada vêm só ao longe os futuros nubentes, como encantados jardins das Hespérides, e não cogitam antes como crentes e cristãos no paraíso terreal perdido por seus pecados pelo primeiro casal da humanidade; e como penhor de esperança, não recordam o reino dos céus, preparado e prometido para os que fossem fiéis no cumprimento dos deveres do casamento sagrado que impõe o sacramento do matrimônio.

A lua de mel e os sonhos de felicidade pouco se demoram no lar daqueles que não fundavam suas esperanças, na prática da virtude sem reservas para si, e sem exigências descabidas para o escolhido consorte.

Amor e benignidade, trabalho e sacrifício, olvido e constância, renúncias e dedicação incançável, tudo a favor do companheiro eleito e dos filhos que Deus entregar aos seus cuidados e desvelos: eis o compêndio moral do matrimônio cristão, e que a própria razão natural sempre ditou aos nubentes, de modo que ainda nas sociedades pagãs e antes de chegarem a uma civilização muito exigente, ou antes, egoísta e refinada, vieram-se cumprindo sem intervenção da lei humana: e assim se diz — que em Roma, antes da sua comunicação frequente com os gregos e pelo espaço de quinhentos anos não se deu o escândalo do divórcio.

Um paraíso completo nunca se poderá desfrutar por ninguém na terra; foi a triste experiência do primeiro casal humano; mas entre as causas verdadeiras daquele colapso transcendente na vida social da humanidade, justo é considerar que uma e não a menos importante foi a excessiva condescendência de Adão para com sua companheira de felicidade. Já, pois, eles eram felizes: contudo Eva seduzida pela serpente infernal, quis acrescentar a sua felicidade, querendo saber o que não importava e ainda induziu o esposo a cometer o mesmo pecado de desobediência.

E Adão não soube negar o seu consentimento de falso amor, de fatal amizade a quem lhe pedia sociedade, cumplicidade e companhia no mesmo pecado. Assim ha nos casais outras condescendências que causam a ruína e destroço das famílias. Nos princípios da Igreja houve também um famoso casal que ruiu pela mútua condescendência: Ananias e Safira combinaram iludir a S. Pedro sôbre a entrega parcial do preço de uma venda de terreno: quizeram enganar a primeira autoridade, o primeiro substituto de Deus no governo dos cristãos, e tiveram logo o castigo que merecia a sua falsidade, servindo, pois, de saudável escarmento aos que não respeitassem a S. Pedro e seus sucessores, embora o delito não tivesse aparência de um espantoso crime.

A mútua condescendência contra a

criação da prole e aquela que descuida ou contraria a devida educação cristã certamente são também delitos que além de merecerem castigos diretos da justiça divina contra os culpáveis, trazem consigo fatais consequências contra a firmeza e felicidade das nações a que pertencem êsses cidadãos, indignos da vida nupcial e das honras da paternidade.

Em menor escala, mas com evidente perigo para a ruína moral e econômica dos cônjuges resulta ser delituosa a condescendência para as despesas de luxo e de representação social, exigidas frequentemente pela esposa, afetada de vaidade imensa e de orgulho mundano, e que atendida pelo esposo após muitos rogos, instâncias, **desconfianças fingidas** de falta de amor, ameaças de separação, ocasionam a queda desastrosa da "res familiaris", isto é, de todo o haver patrimonial, e acarreta ante, ou conjuntamente, a nevrose, a insônia, a loucura ou ainda o suicídio ou pelo menos a morte prematura pelo excesso de trabalho com a desgraça perpétua ou difícil de remediar para os filhos inocentes.

Assim também, a exigência demasiada nos preparos do vestuário, da alimentação e de todos os móveis e objetos domésticos, a intolerância de certas idiosincrasias ou costumes que parece irritar os nervos de um ou de outro dos cônjuges, coisas aliás, de pouca importância, vem infelicitar por um nada muitos casais com inquietação e desdouro para toda a família, perante os que vêm ficar sabedores das rusgas domésticas: rusgas e quisílias que para os esposos de pouca religião e desconhecimento da responsabilidade podem também ocasionar separações lamentáveis e desditas para os filhos; separações aliás que são frequentes nos países não católicos em que está, infelizmente, pela lei civil autorizado o crime de divórcio.

A falta de religião ou a míngua de espírito religioso infelicitou às vezes algum dos esposos, quando mais necessidade tinha do conchego, do amparo carinhoso da sua companhia. Tal vemos que aconteceu ao paciente só, quando não só os seus negregados e insolentes amigos, mas a própria esposa o insultou de simples pela paciência que mostrava, e excitando-o à revolta contra Deus, merecendo aquela a resposta do esposo: Falaste como uma das mulheres néscias, não irmandando-se com a blasfêmia, nem condescendendo francamente com o seu péssimo conselho.

O mesmo fez o santo varão Tobias que em vez de desesperar pelos impropérios da esposa durante a sua cegueira, elevou a Deus uma fervida oração de conformidade pela desgraça que embora inocente lhe atingiu, quando heróicamente estava fazendo uma obra de misericórdia.

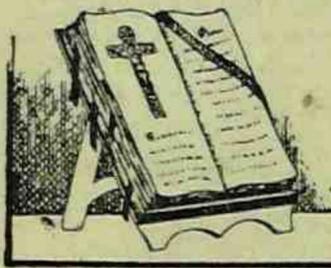
Ambas esposas não tiveram talvez de suas mães na infância, a educação de ternura, de caridade e compaixão que tão delicadamente exornam o caráter da mulher e muito a recomendam para a sua missão na família que ha de constituir ou para minorar no próximo os males da desgraça.

Várias são, pois as virtudes que se hão de praticar no seio do lar para a sua felicidade e ansiada perpetuidade, primando entre elas a firmeza de caráter para cumprir os grandes deveres e conseguir os bens primordiais da família, mas não deve faltar o amor e a dedicação, desterrando-se da mesma as exigências contínuas e sobretudo as insanas pretensões do luxo para uma mais elevada posição social que não compete aos precedentes dos esposos, e ainda mesmo renunciar àquela grandeza que já não comporta à **posse atual** dos bens familiares.

P. Luis Salamero, C. M. F.

AS 8 BEMAVENTURANÇAS DUMA CASA

- 1.ª Bem-aventurada a casa em que se reza, porque nela habitará Deus.
- 2.ª Bem-aventurada a casa em que se guardam as festas, porque os seus moradores assistirão as festas do céu.
- 3.ª Bem-aventurada a casa da qual não se sai para frequentar as diversões mundanas, porque nela reinará a alegria cristã.
- 4.ª Bem-aventurada a casa em que se pratica a caridade com os pobres, porque Deus abençoará o trabalho dos seus moradores.
- 5.ª Bem-aventurada a casa cujos filhos após a graça do batismo, nela se criam bem-aventurados para o céu.
- 6.ª Bem-aventurada a casa onde os que nela morrem recebem os Santos Sacramentos, porque sua morte será tranquilla e cheia de esperanças.
- 7.ª Bem-aventurada a casa onde se ama a doutrina cristã, porque nela não faltarão as consolações da religião.
- 8.ª Bem-aventurada a casa em que os pais e os filhos, não exemplos mútuos de virtude, porque será um ninho de alegria e um lar de felicidades.



Lições Evangélicas

Segundo Domingo depois da Epifania: — AS BODAS DE CANÁ

DE Betábara, onde se dera a maravilhosa manifestação da divindade de Jesús durante o seu batismo por João, partira o Mestre para Caná, hoje Kejr-Kennâ, lugar não muito distante de Nazaré.

Havia um casamento e Jesús era um dos convidados.

O fato aliás é bem explicável, pois parece certa a existência de um laço de parentesco entre a Virgem Maria e os esposos, cujos nomes os Evangelhos não declinam nem a tradição no-los conservou.

Entretanto, a familiaridade de que disfrutava a Mãe de Jesús naquela família, como no-lo prova a solícitude com que atendia ao banquete notando a falta de vinho, é um argumento favorável à existência desse vínculo de estreita amizade entre as duas famílias.

Os casamento entre os Judeus era um ato revestido de pomposo ceremonial, durando geralmente pelo espaço de sete dias.

O Talmud refere-se longamente e com minúcia a esse ato.

Pela leitura desse interessantíssimo documento da antiguidade, conclue-se que muitos dos artificios usados pela vaidade feminina em nossos dias, já eram praticados pelas recantadas filhas de Israel.

Fala-se ali do pó e do carmim que empregavam no rosto e nas mãos, do escurecimento dos olhos pelo Kobil, dos penteados e do tratamento das unhas...

A vaidade e o desejo de agradar são inatos nas mulheres, porém reprováveis quando passam a justa medida da modéstia cristã.

A esposa assim adornada com todos os atrativos em moda naquele tempo, esperava, rodeada de dez virgens, a vinda do esposo.

Este, com a fronte envolta em um turbante dourado, vinha acompanhado por amigos e músicos, formando um cortejo muito poético, que nas belas noites de luar palestinese desfilava em forma de procissão até a casa da noiva.

Uma vez chegado, recebia as táboas onde se achava escrito o dote, e em seguida dirigia-se com a esposa para a nova casa.

Ali, com grande solenidade, procedia-se a assinatura de um termo de compromisso, e depois das abluções de costume, passava-se à sala do banquete.

Nessa ocasião é que se deu o notável fato que nos manifesta pela terceira vez a divindade de Jesús.

A estrela maravilhosa guiara os Magos do Oriente, a palavra do Eterno Pai deixara profundamente abalados os ânimos dos discípulos do Batista, e agora um estupendo milagre vem manifestá-la aos olhos dos próprios discípulos e futuros Apóstolos.

Corria o banquete com grande alegria, quando veio a faltar o vinho.

Maria, apercebendo-se do fato, indica-o

a Jesús, que se achava reclinado ao seu lado, com palavras breves mas cheias de confiança no poder do filho.

“Não tem vinho”.

Ao que Jesús respondeu:

“Mulher, que se nos dá isso a mim e a ti? Ainda não chegou a minha hora”.

Essa resposta só em aparência é desabrida.

O vocativo “mulher” nada tem de duro, e equivale a nossa locução “senhora”.

Nesse sentido o entendeu Maria, pois toda confiante, diz aos que servem:

“Fazei tudo o que ele vos disser”.

Estavam ali seis talhas de pedra, das que se usavam para as abluções e purificações dos convivas, e tinha de capacidade cada uma dois ou três almudes.

Jesús lhe disse:

“Enchei de água essas talhas”.

Os servos obedeceram.

Então lhes disse Jesús:

“Tirai agora e levai ao mestre-sala”.

Êles lha levaram.

O mestre-sala ao sentir as delícias daquele vinho, cuja procedência ignorava, dirigiu-se ao esposo, recriminando-o:

“Todo o homem põe primeiro o vinho bom, e depois que tem bebido muito, então apresenta o que é inferior; tu porém tivestes o bom vinho guardado até agora.”

Seguiram-se as explicações e depois apareceu brilhante como o sol em manhã sem nuvens a verdade do grande poder do Filho de Maria.

P. JESÚS MOURE, C. M. F.

O SANTO DA SEMANA

JANEIRO DE 1942

DIA 18 — Segundo Domingo depois da Epifania; Santa Beatriz.

DIA 19 — São Mário; São Severino; São Canuto; Santa Marta.

DIA 20 — São Sebastião; São Fabiano; Santo Eutímio.

DIA 21 — São Frutuoso; São Epifânio; Santa Inês.

DIA 22 — São Vicente; São Vitor; São Gaudêncio; Santo Anastácio.

DIA 23 — Santo Ildefonso; São João Es-moler; Santa Emerenciana.

DIA 24 — Nossa Senhora da Paz; São Timóteo; Santo Urbano.

O matrimônio é um grande sacramento em Cristo e na Igreja.

Instituição divina para garantir a santidade e a vida da família e propagação do genero humano.

Não podemos encará-lo sob outro aspecto. É um sacramento, isto é, uma coisa santa, uma instituição sagrada e divina. *É uma sociedade santa que Deus estabeleceu em toda pureza como uma aliança das mais íntimas que podem existir sobre a terra*", assim diz a Exortação que faz o sacerdote aos nubentes antes de receberem tão grande sacramento, e jurarem mútua fidelidade. Tudo na Igreja nos fala da grandeza, da santidade e da grande responsabilidade dos que se unem perante o altar nos laços do Matrimônio. No entanto ha hoje uma diabólica e tremenda campanha contra a santidade e indissolubilidade do matrimônio. Pio XI já na sua admirável "*Casti Connubii*" aponta os males e calamidades morais e os atentados modernos contra as leis básicas e sacratíssimas do grande sacramento da família cristã. A impiedade no seu ódio a Cristo e a Igreja visa a célula mater de onde se irradia a vida cristã que regenera e salva a sociedade: a família.

Corromper a mulher e quebrar o laço da indissolubilidade da família cristã, eis a senha de todos os mais ferrenhos inimigos de Cristo e da Santa Igreja.

E ha hoje maior devastação moral que a que se processa sistematicamente contra o pudor da mulher e a santidade da família?

CASAMENTOS?

Aparecem aí agora com a pretensão de *casamentos*, umas uniões rotuladas de legalidade e querendo se equiparar ao matrimônio sacramento. Deseja se criar, num país católico, à mentalidade pagã de que para a família basta a simples união dos cônjuges com qualquer rotulo ou formalidade social.

O casamento legal é suficiente. Não se cogita em sacramento. Daí tanta união ilícita e escandalosa a afrontar a dignidade da família cristã e brasileira. E os celeberrimos casamentos do Uruguai? E os pretensos casamentos anulados e divórcios arranjados com *juizes camaradas*? Pode-se dar a tudo isto o nome de casamento?

Diz a Pastoral do Episcopado Paulista que estamos comentando:

"Sacramento, valendo, como tal, o preço dos méritos do sangue de Jesus Cristo, de cuja graça é canal em sua aplicação às almas, não pode o matrimônio cristão ser equiparado nem ao chamado casamento civil — tenha este, embora, a chancela do Estado — nem muito menos às uniões ora desgraçadamente em voga com o nome de casamentos, extra-legais, feitas nas estações balneárias e alhures.

Não é um insulto chamar *casamento* a estes *ajuntamentos* extra-legais realizados como ridícula farça em estações de banho e no estrangeiro?

O PROTESTO

Era necessário um protesto contínuo e firme da família cristã e brasileira contra estes atentados à nossa dignidade. Sempre foi tradição dos mais sagrados nossos o respeito à família e à família constituída pela Igreja. O

nosso povo sempre teve horror aos que êle denomina e com propriedade: os *amasiados*, os *amancebados*. Nunca se podem admitir no seio de família honesta e bem constituída, *amasiados* e *escandalosos divorciados*

Sem êste protesto que distinção se faz e se pode fazer entre família cristã e honesta, da gente despuorada e sem dignidade de família? Os senhores Bispos Paulistas tem uma página vibrante e enérgica em sua Pastoral contra êste escândalo da promiscuidade de casais divorciados e amancebados na convivência de famílias honestas e cristãs. Outrora, no Brasil, um amancebado sofria a repulsa enérgica de qualquer família nossa. Esta repulsa foi tradicional na sociedade brasileira e garantiu a pureza de nossa família cristã

Porque hoje tantos se esquecem das tradições de respeito da nossa família brasileira?

DIZEM OS BISPOS:

"Na impossibilidade de evitarem semelhantes uniões, ilícitas por todos os títulos e, consequentemente, imorais, impende aos católicos — que isso lhes é direito e também dever — fechar suas portas aos que vivem em tais uniões, não lhes dispensando a honra de os admitir em seu convívio, pois fazê-lo será pô-los no mesmo nivel dos casais legítimos, que são os unidos pelo sacramento, com injuria para a santidade dêste e para a sociedade cristã.

Essa prática salutar e benéfica, outrora sempre observada, escrupulosa e integralmente, pelas famílias brasileiras, acha-se hoje, infelizmente, muito enfraquecida e com tendência a desaparecer, se em tempo não lhe acudir o eficaz remédio.

Assim é que, não raro, senão frequentemente, se veem, de mistura com os casais legítimos, outros casais que, nem só vivem em uniões ilícitas, mas ainda estão sujeitos à pena de excomunhão — tais como os que, sendo casados religiosamente, atentam contrair novo casamento, ainda civil apenas, na vigência do casamento religioso. (Can. 2.356 do Código de Direito Canônico.)

Verdadeira derrocada social, é resultado do trabalho, que bem pode ser chamado diabólico, dos destruidores da família.

A repulsa da intimidade das famílias aos casais ilícitamente unidos não significa nenhum ódio a êles, senão caridade e compaixão.

Caridade e compaixão, pois que deve levar ela a intenção de movê-los a reconhecerem a maldade da vida que estão vivendo, e determiná-los a voltarem ao bom caminho, que é o do rompimento com a união pecaminosa. Caridade para com os que estão obrigados a por-se à distância deles, incutindo-se-lhes o salutar temor de igual repulsa e evitando-se, dessarte, o perigo do contágio do mal, que contagioso é, e que tem crescido assustadoramente, em grande parte, por falta dessa repulsa preventiva e saneadora.

Refletindo, conscienciosa e desapaixadamente, os Nossos caros diocesanos sobre o que, visando aos mais sagrados interesses da família brasileira, aqui lhes dizemos, hão-de reconhecer que a razão está de nosso lado."

Nada mais é preciso acrescentar a êste enérgico protesto e paternal advertência.

P. Ascânio Brandão



BROTAS — O Sr. Pedro Surian, exma. esposa e família, por ocasião de suas Bodas de Ouro.

Pela Ação Católica

De todas as preciosas lembranças que nos foram deixadas pelo extremoso Pai da Cristandade Pio XI, ficou legado imperecível a Ação Católica.

Nas vozes de comando daquele octogenário de fé intrépida sentiu o povo cristão o brado daqueles outros tempos de brio a chamar para as Cruzadas: — Deus o quer! E assim como a convite de Pedro o Eremita levantou-se a Europa inteira, ao aceno paternal de Pio XI ergueu-se o mundo para uma cruzada muito mais importante e gloriosa: a em que os cristãos não são soldados, mas sacerdotes.

Entretanto, já ha quem compreenda mal a orientação verdadeira que aquele Pontífice imprimia à Ação Católica. E mesmo ha ainda pobresinhos que não sabem em que ela consiste. Falemos um pouco sobre ela.

Ação Católica, como o Papa compreendeu e como a Igreja quer, é participação dos leigos católicos ao ofício do Padre, relativamente à conversão e salvação das almas. Isto é, todo católico é chamado a trabalhar unido ao Vigário de sua Paróquia para arrebanhar maior número de almas e auxiliá-lo na salvação delas. Vista a situação atual do mundo, considerado o estado da família, desorganizada, é reduzido o número dos que frequentam a igreja, dos que acorrem para ouvir a palavra do Sacerdote. E este, em sua condição de pessoa devotada a Deus, nem sempre pode ir atrás de quem se afasta dele; não pode penetrar em muitos lugares onde só o leigo pode ir sem suspeita dos maliciosos...

Pois bem: ao católico é que compete tudo isto que o Padre não pode fazer. A ele incumbe a honrosa missão de auxiliar o Sacerdote nestas difíceis circunstâncias. Ele é que deve convidar a tantos desviados, às vezes desviados só por falta de um convite amigo. É ele quem deve aconselhar, instruir o operário, o pobre, o indiferente esquecido dos deveres para com a própria alma.

E todo católico está obrigado a militar na

Ação Católica? Perfeitamente! Todo católico, todo aquele que se honra de o ser, todo aquele que se quer portar filho submisso de Jesús deve entregar-se a este trabalho, tão dignificante quanto necessário.

Então, pode alguém ser verdadeiro cristão sem procurar os interesses de Cristo? Pode alguém ver deshonrado seu Rei, seu Pai, seu maior Amigo, e não reivindicar para ele as honras devidas, não trabalhar pelo seu reinado? A Ação Católica é, pois, um dever de honra cristã.

Mas, mais que tudo, a Ação Católica é dever de caridade. "Amai-vos uns aos outros" não quer dizer só miserável filantropia, muitas vezes prejudicial a quem a faz e a quem a recebe; quer dizer caridade cristã, caridade que tende a salvar a alma do semelhante.

O auxílio ao corpo de um pobre deve ser apenas um preparo a este outro subsídio que lhe levaremos para a alma: o pábulo espiritual da palavra do Sacerdote a ele transmitida.

Ação Católica!... É significativa esta palavra. Quem é católico deve *viver* como católico. Ora, não ha vida sem ação. Logo, quem é católico deve trabalhar como católico.

Mas a vida do católico deve ser a reprodução da vida de Jesús Cristo. Logo, também a ação do católico deve ser igual à ação de Cristo. E Cristo veio para salvar: "Eu vim para que tenham vida..." Logo, a todo cristão impende exercer a ação de Cristo, isto é, trabalhar na salvação das almas.

Quem não pratica a Ação Católica não é bom católico. Pode-se dizer que deixa de ser católico.

Leitor amigo! Hoje mesmo procura pôr em prática este maravilhoso sacerdócio que o Santo Padre te confia! Salvar ao menos uma alma, trazer ao menos um transviado aos pés do teu Vigário é que é fazer Ação Católica e mostrar-se verdadeiro filho da Igreja!

F. M.

A liberdade dos mares e a economia internacional

Mesmo em continentes como o europeu, em que o sistema de vias férreas corta o território como se fosse um sistema venoso no corpo humano, o comércio, o transporte de quantidades formidáveis de mercadorias é feito por vias marítimas, por vias fluviais.

O progresso mecânico, como o progresso na aplicação de combustíveis, em nada modificou ou em nada tirou do transporte por água a sua grande predominância, porquanto é ele, o transporte por água, em regra, o mais barato, ao mesmo tempo que apresenta outras e várias condições felizes.

Quasi se pode afirmar que devido unicamente aos transportes marítimos a terra, ligados os continentes, se apresenta hoje em dia como um organismo unificado, sentindo de maneira perfeita o que se passa nas regiões mais distantes. É verdade que, presentemente, bastando apenas mover um botão elétrico, um comutador, cada um pode, em qualquer ponto do globo, saber, ouvir o que se passa em locais os mais distantes desse mesmo globo, acompanhar os acontecimentos, saber como está agindo e reagindo um grupo humano diante de casos graves que surgem na sua vida.

Semelhante sentimento é, porém, por assim dizer, de tons platônicos, porquanto um sentimento mais profundo, mais real, mais prático, é aquele que temos quando, procurando uma substância ou um objeto, notamos a sua ausência, a impossibilidade de adquiri-lo, porque os transportes marítimos se encontram interrompidos ou seriamente prejudicados.

Melhor do que todos os argumentos econômicos e, talvez, políticos, que possamos apresentar nestas linhas, dá bem uma nítida noção ou visão perfeita do assunto o que se encontra em páginas do interessante livro de Maurice Larouy, escrito ha mais de duas décadas, isto é, num momento em que, convalente do grande conflito de 1914, o transporte marítimo tomava desenvolvimento, muito embora prejudicado pelo nacionalismo econômico que já se apresentava com arrogância de um adulto.

O personagem de Larouy — o livro intitula-se justamente *O Marinheiro* — mostrava que a vida internacional dependia toda do mar, prolongando dessa maneira o dito dos biólogos de que todos os seres vivos tiveram origem no mar. A conversa se travava em um grande jantar em Londres e o autor da afirmativa fazia ver a questão à dona da casa, que se mostrara incrédula.

Dizia:

— O belo mobiliário que a senhora possui é, provavelmente, de madeira brasileira. Os seus filhos dormem em berços de cobre vindos da Espanha. Os travesseiros estão cheios de penas de pato importadas das Hébridias, da Islândia ou do Lavrador. O linho dos seus lençóis amadureceu nas margens do Báltico. A seda dos pijamas veio da China ou do Japão.

A palha dos pantufos, bem como a que está nos capachos de sua sala de banhos, cresceu nos pântanos do Panamá e da Malasia. Quem vos trouxe tudo isto? A embarcação, o marinheiro, o transporte por mar.

Observado que estava escolhendo os artigos para citar, protestou e continuou:

— A esponja com que o senhor se lava (disse, voltando-se para o autor da observação) veio da Tunísia ou do Ceilão; o óleo com que são feitos os seus sabonetes foram extraídos de araquidas africanas; o mármore das banheiras é italiano ou grego; o perfume das loções são da Arábia ou da Pérsia. O seu café, o seu chá ou o seu chocolate chegaram do Brasil, da China, da Índia ou da Venezuela. O açúcar foi extraído de cana das Antilhas. O bacalhau do seu pequeno almoço foi pescado nos mares escandinavos. A geléia foi feita com laranjas que douraram na Andaluzia ou que amadureceram nos oasis africanos.

— Parece que o senhor tem razão... um pouco... disse, sorrindo, um elegante conviva sentado no fim da mesa.

Mas o sustentador da afirmativa continuou:

— A lã dos seus vestuários, minha senhora, foi cortada de carneiros de Castela, da Austrália ou da República Argentina. As peles que adornam seus ombros foram trazidas do Canadá ou da Sibéria. A esmeralda que brilha no seu dedo, a pérola que pontilha a gravata do seu marido, o pente de tartaruga que sustenta os cabelos de sua filha, como essa piteira de marfim em que o seu filho mais velho vem de colocar um cigarro, foram importados do golfo de Bengala, de Bordéus e do Moçambique. O cigarro, de fumo vindo do Líbano, está enrolado em papel de arroz da China e fabricado no Japão. Os charutos do seu marido foram importados de Cuba ou das Filipinas e contêm tabaco importado, também, da Baía, no Brasil. Esta lagosta americana, com que nos vamos deliciar, foi pescada em águas afastadas, está adubada com pimenta das Guianas e conhaque de Saintonge. Os frutos que ali estão, nas cestas, isto é, ananazes, bananas e tâmaras, de muito longe e de vários países foram trazidos, desembarcando em Londres, dos frigoríficos. O trigo deste pão que estamos comendo cresceu nas margens do Mississipi. Esta garrafa de vinho Madeira veio da ilha desse nome e o bife procede do boi que engordou em pastos argentinos; a baunilha dos sorvetes, o cânhamo e o algodão misturados destes guardanapos, a baixela de que nos estamos servindo, o tungstênio das lâmpadas elétricas, o dourado dos quadros e a tinta da China, os rubis ocultos dentro dessa pendula, tudo quanto é visto em redor de nós, não ha um só objeto que não houvesse cruzado os mares. Talvez somente seja nacional o carvão... Viemos até aqui no seu belo automovel, gastando gasolina do Texas, com pneumáticos da borracha do Brasil, alumínio da Ásia, bem como o verniz que o decora. O marroquim das almofadas veio de muito longe. Atravessamos muitos campos, adubados com fosfatos vindos do Chile e da Tunísia, e nele vimos cavalos cruzados de sangue árabe, carneiros que descendem dos merinós de Castela, cereais cujas se-

mentes foram trazidas da Rússia e do Canada, fruteiras importadas da Normandia, estufas com plantas tropicais, com lindas orquídeas brasileiras, e máquinas agrícolas, adquiridas na América do Norte. Aqueles jornais que ali estão, bem como o livro que repousa além, foram feitos com papel de pasta fabricada com pinheiros da Terra Nova e da Noruega, de onde vieram também estes fósforos que estamos usando para acender os nossos cigarros. Além vejo um conviva usando um *briquet*... Pois nem a pedra, nem o níquel, nem a platina se encontram aqui e tem que ser procurados muito longe. O mesmo acontece com o ouro destas jóias que estamos exibindo e o mercúrio que, no barômetro nos está anunciando bom tempo. Tudo veio de longe, tudo foi transportado por mar...

É fácil de calcular que esta lista que vimos de assinalar poderia ser muito mais extensa, enchendo colunas desta revista; mas, basta o que aí fica para indicar todo o valor do transporte marítimo no momento em que vivemos e, conseqüentemente, o que de decisivo representa para as nacionalidades, para os povos, para os países de hoje a liberdade dos mares, a liberdade completa da troca de produtos, numa engrenagem formidável como acabamos de indicar de maneira aparentemente muito ligeira porém que nos parece verdadeiramente impressionante...

Otto Prazeres

TROCADILHO...

Bilac não era um Adonis nem tinha a menor pretensão a esse respeito. Não gostava entretanto, o que é muito natural, que aludissem ao seu físico. Usava, por necessidade, um pince-nês de grossas lentes, que não conseguia corrigir o seu acentuado estrabismo. Pois certa feita um rapazola que se iniciava nas letras, no meio de uma conversa, disse-lhe de sopetão:

— Meu caro Bilac: quando te vejo, tenho a impressão de que tens quatro olhos...

— Meu caro M., retrucou-lhe Bilac de pronto, pois eu, quando te vejo, tenho a impressão de que tens quatro pés...

BIBLIOGRAFIA

A SITUAÇÃO MUNDIAL. Diretivas religiosas e sociais. Trigéssima Carta Pastoral de D. João Becker, Arcebispo Metropolitano de Pôrto Alegre, ao Rvmo. Clero e aos diletos fiéis de sua Arquidiocese. — Tipografia do Centro S. A., Pôrto Alegre, 1941. 235 pags.

Temos, na admirável mensagem de S. Excia. Rvma. D. João Becker, traçadas com pulso firme, sábias diretrizes concernentes aos mais agitados problemas da Igreja e do Estado, na quadra angustiosa que hoje atravessa a humanidade.

Postas de parte quaisquer intenções facciosas, conscio do dever que lhe impõe o munus pastoral, não teme, o intrépido Arcebispo de Pôrto Alegre, levantar a voz e verberar os falsos sistemas dos secularizadores, responsáveis pela catástrofe que inunda de ondas de sangue a face da terra.

Nota-se no decurso desta oportuna Carta, a solicitude do vigilante Pastor em fazer-nos, a todos, compreender as salutares lições que nos quer dar no momento presente a Justiça divina. Leiam-na, pois, todos aqueles que, julgando os males da guerra com um critério falso e errôneo, não temem duvidar e até, por vezes, blasfemar da Providência de Deus. Também encontrarão, ao folhear suas páginas, brilhante apologia da Igreja Católica, a rocha inabalável, sobre a qual e unicamente se poderá firmar a civilização, como o prova de sobejo o venerando autor, com os eloquentes sucessos da atualidade e das eras passadas. Porém, o tom dominante em toda a Pastoral é o sentimento de acendrado patriotismo do preclaro Arcebispo riograndense, que, exteriorizando-se numa linguagem palpitante de vida, vem caldear os corações dos brasileiros, sobretudo da juventude, para formar do nosso país uma grande nação, alicerçada sobre os ensinamentos santos do Evangelho.

ENTRE ARTISTAS

— Reparaste como hontem, no concerto, minha voz enchia o teatro?

— Reparei! Começou muita gente a sair para lhe deixar mais espaço...



CATANDUVA — Família Pelizzon, favorecida pelo Imaculado Coração de Maria.

A Virgem de Nazaré

A DEVOÇÃO do povo paraense pela milagrosa Virgem de Nazaré é tradicional e toca às vezes ao fanatismo. Na festa anual, sempre iniciada por uma romaria, — o Cirio — em que tomam parte vinte ou trinta mil pessoas, de todas as classes sociais, do governador ao mais humilde empregado, do magnata ao miserável, gastam-se milhares de contos de réis, pois a festa da Virgem transforma-se durante quinze dias em uma extraordinária feira, não sendo o jogo o menor de seus atrativos.

Ao lado do templo, hoje uma vasta e riquíssima basílica, existe uma enorme sala, cheia atopetada, desde o teto, de mil variados objetos, testemunhando graças alcançadas por intercessão da Virgem de Nazaré.

Ha anos atrás, era vigário da paróquia um distinto sacerdote, monsenhor Raimundo de Miranda.

Estando a imagem um pouco descorada, o digno vigário mandou-a encarnar no Porto.

Logo se formou uma lenda. O povo não vendo no altar a imagem da Virgem de sua especial devoção, e sabendo tê-la o vigário enviado para a Europa, dizia em mistério: — “Sabe? o Santo Padre mandou buscar a Nossa Senhora”.

Ele quis vêr esta santa tão pequena e que faz tantos milagres!

O vigário diz que ela não demora em voltar!

E o outro acrescentava logo: — Não vá o Santo Padre ficar com ela!

O povo é sempre desconfiado.

A devoção à Virgem de Nazaré vem de época longínqua.

Era pelo meado do ano de 1700. A bela cidade que hoje se eleva, orgulhosa, de suas lindas avenidas e praças ajardinadas, não passava de uma pequena cidade colonial com ruas estreitas, sem calçamento e casas à portuguesa.

Eram mata a hoje aristocrática avenida de Nazaré e a poética praça onde se ergue o majestoso templo da milagrosa Virgem.

Morava no caminho do Utinga, em pequena e miserável cabana, um homem de cor de nome Placido.

Caçador havia se embrenhado pela mata; e, depois de meio dia de fadiga, acossado pelo ardente sol do equador, buscava debalde um igarapé, um regato, uma fonte, para saciar a sede que o devorava, quando, em uma espécie de nicho, formado por pedras, descobriu uma estátua da Virgem de Nazaré, perfeita, sem nela se notar o mínimo sinal de estrago do tempo.

O caçador, cheio de espanto, de admiração e de piedade, e não mais cuidando da caçada, tomando a estátua, dirigiu-se, para a sua palhoça, onde a colocou no melhor lugar das suas devoções.

A noite a oração da família foi feita ante a imagem da Virgem, encontrada na mata.

Qual não foi, porém, o espanto de todos, quando pela manhã, não encontraram a imagem no lugar.

Foi procurada em toda a cabana, em todos os cantos, no mato próximo, e sinal algum havia.

O caçador embrenhou-se de novo na mata, e, no mesmo lugar da véspera, lá estava ela em seu nicho natural de pedras.

Ele prostrou-se de joelhos e, tomando a estátua, trouxe-a outra vez para a pobre cabana.

A noite desapareceu de novo, sendo novamente encontrada a estátua no nicho da mata.

A notícia do fato miraculoso, espalhou-se pelos arredores, os vizinhos acudiram, começou a romaria, iniciaram-se os milagres.

A fama da Virgem da mata do Utinga, e da sua volta ao nicho de pedra, espalhou-se rapidamente, chegando aos ouvidos do governador de então.

Este incrédulo e querendo pôr em prova evidente, o fato, mandou buscar a santa para o palácio, e aí fez guardá-la por guardas fiéis.

Que imenso assombro pela manhã!!

A imagem havia desaparecido do palácio, e os guardas não sabiam dizer como! E lá estava ela, a Virgem de Nazaré em seu nicho de pedras!

Todos se convenceram que a Virgem queria que se erguesse um templo, em sua honra, nesse mesmo lugar.

O governador mandou construir logo uma palhoça aí onde ha alguns anos se erguia a encantadora ermida de Nazaré, a poucos metros do majestoso templo construído pela piedade dos fiéis.

Iniciaram-se logo as romarias, as festas; o povo afluía cada vez mais, e os milagres e as graças alcançadas, por intermédio da santa, multiplicavam-se afervorando a sua devoção.

Até a proclamação da República existia, no palácio do governo do Pará, uma pequena capela.

Na véspera do Cirio, o povo, em procissão, conduzia a imagem da Virgem para esta capela, donde no dia seguinte saía em triunfo para a sua igreja, comemorando assim anualmente o fato de que a lenda nos dá notícia.

O primeiro governador do Estado, Dr. Justo Chermont, logo que foi proclamada a República, acabou com a capela, mas o povo não acabou com a tradição.

Hoje a imagem da Virgem ainda é conduzida em procissão, na véspera do Cirio, para a Catedral que fica a pequena distância do palácio do Governo, para ser no dia seguinte conduzida por vinte a trinta mil pessoas, para a sua basílica erguida na outrora mata do Utinga, hoje praça de Nazaré.

O JARDINEIRO E O CURIOSO

- Esta árvore foi cultivada artificialmente?
- Naturalmente.
- Naturalmente?
- Não; artificialmente.
- Mas, afinal: naturalmente ou artificialmente?
- Artificialmente, naturalmente!



Página Feminina

IV Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo

BUSCANDO as alturas, sôbre o Viaduto do Chá e dominando a opulência e a beleza daquele trecho lindo de S. Paulo, ha de erguer-se o suntuoso e belo altar eucarístico do Congresso. Sôbre o mesmo, completando o sentido absoluto da realeza de Cristo, a Cruz. A Cruz, de braços estendidos para o nascente e para o poente, abençoando a cidade ciclópica de nervos de aço e coração amalgamado no mais puro ouro que a Bandeira destemida de Anchieta conseguiu sublimar no inesgotável garimpo da Fé.

E essa cruz que, sendo símbolo do Amor tem de ser, conseqüentemente, segredo de Ação e emblema de Paz, agigantar-se-á ante as nações e acolherá a terra inteira. Homens de todas as partes do globo ajoelhar-se-ão diante dela. Misturar-se-ão, então, em torno do nosso Altar os holocaustos dos povos pacíficos aos dos povos espavoridos e ensanguentados que, de longe, ao ouvir a alvorada dos nossos sinos na soberba celebração eucarística hão de acenar-nos, súplicas, olhos voltados para a cruz, não já a cruz do altar do sacrificio, que é apenas figura, mas para a que o Grão-sacerdote traçará no espaço invocando a bênção de Deus.

E a cidade ciclópica de nervos de aço e arcabouços descomunais de ferro onde se concretizam e se projetam as concepções mais incríveis e ousadas do moderno progresso humano ajoelhar-se-á submissa e emocionada.

Será a hora da grande exaltação nacional. A hora da transfiguração. Cristo, transformando-se em pão, descerá à grande Mesa onde O aguarda o coração faminto do Mundo. Sentindo-O junto de si, a iluminar-lhe o espírito de perdão e amor, nada mais natural que os filhos privilegiados do Senhor se voltem íntimamente para o Céu, extasiando-se na contemplação mística d'Aquele que se faz tão solenemente, no seio de suas habitações, luminoso traço de aliança entre a sua Pátria do Céu e a sua Pátria da terra.

E às lágrimas de todo esse povo que se aquietou, súbito, de suas fainas dinâmicas e intensivas para a mais perfeita e fervorosa homenagem a seu Deus e seu Rei, misturar-se-ão as dos povos peregrinos que de outras Pátrias, de muito longe, talvez, aqui aportarão, anciosos por compartilharem do êstase coletivo da exaltação cristã. E às lágrimas daqueles ainda hão de unir-se, completando a sublime oferenda do homem a Deus e da terra ao Céu, as angústias dos que nos aceitam exangues e distantes, alentados pela alvorada festiva dos nossos sinos, na esperança de que consigamos do Céu a realização do

grande Milagre: Milagre da paz perfeita entre os homens de boa vontade. O Milagre de que os homens aprendam a ter boa vontade para a perfeita paz universal.

DIAMANTINA MARIA

★

CLEMENCEAU E OS JESUITAS

Diante da janela do gabinete onde trabalhava Clemenceau, havia uma árvore cuja frondosa ramagem tirava a luz à sala. Um dia, o "Tigre" se queixou disso a um amigo, que lhe perguntou:

— Por que não pedes aos donos da casa que cortem a árvore?

— Nunca! É um convento de jesuitas e jámais lhes pedirei um favor!

— Nesse caso, eu mesmo vou pedir.

Algum tempo depois, Clemenceau, ao entrar em seu gabinete, surpreendeu-se agradavelmente ao vê-lo banhado pelo sol. E perguntou ao amigo o que havia acontecido.

— Pedí ao Superior que cortasse a árvore.

— Oh!, exclamou Clemenceau Vou escrever-lhe, agradecendo.

E escreveu: "Meu pai, nunca poderei agradecer-vos o bastante pelo que me fizeste. Souvos imensamente reconhecido. Não vos ofendais pelo título de pai, que vos dou, porque, afinal, me haveis dado a luz do dia".

O jesuita contestou: "Meu filho: que não se ha de fazer pelo pai da vitória que salvou a França? O serviço que vos prestei é insignificante e a vossa bondade exagera-o. Não vos surpreendais, contudo, que vos chame "meu filho", porque acabo de abrir-vos a porta do céu".

★

MAESINHA:

Para limpar os dentes das criancinhas enrole no dedo um pano bem limpo, molhado em água quente, onde tenha dissolvido uma pitada de bicabornato de soda, e esfregue-lhe os dentinhos. Assim proceda todos os dias, pela manhã e à noite. Para que seus filhinhos tenham dentes sãos e fortes, dê-lhes, na alimentação, as substâncias necessarias ao fortalecimento dos ossos: leite, nata, manteiga, farelo esterilizado, tomates, espinafres, trigo de várias formas, ervilhas, cevada etc. Açúcar não é bom alimento para os dentes. Dê às crianças côdeas de pão e alimentos resistentes para que ela mastigue, dando trabalho aos dentes e forçando uma circulação do sangue nos canais internos.

★

CONSELHOS ÚTEIS

Para retirar manchas de lama das roupas de borracha, capas etc., esfregue os lugares atingidos com uma solução aquosa de vinagre, solução diluída.



ATENDENDO AO INTENSO MOVIMENTO que tem a Cúria Metropolitana de São Paulo e desejando dar uma melhor distribuição aos serviços eclesiais para que os mesmos possam ser melhor estudados e mais rapidamente resolvidos, o Exmo. Revmo. Sr. Arcebispo reorganizou os serviços internos da Cúria, colocando à frente dos mesmos quatro vigários gerais, conforme lhe facultam os cc. 366 e 368 do Código de Direito Canônico. São estes os vogários gerais: Monsenhor Alberto Teixeira Pequeno, vigário geral das religiosas; Monsenhor José Maria Monteiro, vigário geral "in spiritualibus"; Monsenhor Dr. Antônio de Castro Mayer, vigário geral "in spiritualibus"; Monsenhor Dr. Nicolau Consentino, vigário geral "in temporalibus".

A "CONGREGAÇÃO DOS RITOS" acaba de publicar o programa de suas reuniões ou "congregações" para 1942. As reuniões são de 3 espécies: ante-preparatória, preparatória e geral, segundo a causa de beatificação ou canonização seja tratada em primeiro, segundo ou terceiro exame.

A "Congregação Geral" realiza-se sob a presidência do Soberano Pontífice e constitui a última etapa anterior à proclamação do novo santo ou novo bemaventurado, conforme se trate de causa de canonização ou beatificação.

Entre as "congregações" gerais deste ano, figuram notadamente a que se realizará a 12 de maio, para o exame dos milagres propostos para a canonização da bemaventurada Jeanne de Valoir, rainha de França, fundadora da Ordem da Anunciação e morta em 1505, assim como a que se reunirá no dia 26 de julho, para o exame dos milagres propostos para a canonização do bemaventurado Nicolas de Flue, célebre eremita suíço, falecido em 1497 e considerado um dos padroeiros da Confederação Helvética.

Também deve ser citada a "Congregação Geral" que se efetuará a 2 de junho próximo, para se pronunciar sobre o heroísmo e virtudes de Catarina Tecacuita, jovem "pele vermelha" dos Estados Unidos, convertida por missionários jesuítas e morta em 1680. Será a primeira pessoa de raça vermelha elevada à glória dos altares.

Finalmente, a 14 de julho, haverá outra "Congregação", para examinar os milagres propostos para a canonização do bemaventurado Cabrini, fundador dos Missionários do Sagrado Coração, nascido em Lodi, na Itália, morto em Chicago, em 1917, e beatificado em 1938.

O CHANCELER GUANI e o embaixador Luzardo assinaram uma convenção modificando o sistema tarifário e consular dos dois países, Brasil e Urugual, e fixando a escala proporcional do valor das mercadorias.

Essa convenção facilitará as pequenas remessas de mercadorias.

ANUNCIA-SE EM LISBOA que os tribunais portugueses resolveram permitir, novamente, que as testemunhas prestem juramento em nome de Deus.

NAS ILHAS FILIPINAS HA 87 DIALETOS. Dos muitos estrangeiros que ali residem, um só, ao que parece, fala a maior parte deles: é Mons. Billet, Prefeito Apostólico da província montanhosa de Bagnio. Trabalha naquelas ilhas desde 1912. Percorreu muitas regiões, visitou muitas ilhas, e durante as viagens estudou os vários dialetos. É natural da Bélgica, aonde voltou ainda uma só vez, em 1931.

DE ACÓRDO COM A CONSTITUIÇÃO POLÍTICA, realizar-se-ão, em fevereiro próximo, eleições para presidente da República de Portugal, visto expirar em 15 de abril, o mandato do general Oscár Fagoso Carmona.

A "United Press" conseguiu saber que o general Carmona, apesar de sua avançada idade, aceitou novamente a indicação de seu nome, imposto pelas circunstâncias anormais do momento, para ser reeleito por mais 7 anos.

A-FIM-DE ATENDER AO TRANSPORTE com a construção da Usina Siderúrgica Nacional e à rodificação do traçado atual, o diretor da Central do Brasil criou hoje a comissão de melhoramentos da linha do centro, subordinada diretamente à terceira divisão. Para chefiar a comissão foi designado o engenheiro José Custódio Drumond.

NÃO OBSTANTE MUITAS E NOVAS DIFICULDADES, o catolicismo progride sempre em Ceilão. Uma prova disso está no movimento escolar. Uma estatística de 1939 dá, só à arquidiocese de Colombo: Escolas católicas — 54.446 alunos; Escolas protestantes — 1.341 alunos; Escolas pagãs — 1.638 alunos.

É flagrante a superioridade das escolas católicas.

OS RIGORES DO INVERNO AGRAVARAM-SE na península ibérica, nas últimas 24 horas do dia 8. Fortes tempestades de neve caíram em todo o país, causando importantes prejuízos.

Na região de Santander os desfiladeiros de Escudo e Blnosa estão intransitáveis. A via férrea de Bilbao e Leon está interrompida entre as estações de Soncilloe e Servera. Em alguns pontos, a neve atinge a 4 metros de altura. Nesta região assinala-se o aparecimento de verdadeiros bandos de lobos, que descem das montanhas.

Em S. Ildefonso a neve cai sem parar, há três dias, e o termômetro desceu a 12 graus abaixo de zero.

Os portos da região do norte que servem a capital, continuam inteiramente bloqueados.

Na costa do levante, a estrada de ferro que vai de Valencia a Utial está interrompida nas proximidades de Campo Robles, onde a neve atinge a três metros de altura.

Em Aragão, o tráfego ferroviário entre Saragoça, Madri, Valencia, Torralba e Soria sofreu graves perturbações. O expresse de Madri chegou a Saragoça com 17 horas de atraso. Os rápidos sofreram também atrasos de 8 horas.

Na linha de Saragoça a Valência, vários trens estão bloqueados pela neve, em Villareal.

PÁGINA INFANTIL



(É proibida a reprodução desta página)

Foi o gato!...



MONÓLOGO

Ao subir o pano, Maria está em cena, muito apreensiva. Passeia de um lado para outro, sem dizer palavra. Depois pára no meio do palco e fala:

— Não sei o que fazer!... Não arranjo, de maneira alguma, solução para este caso. Que terrível situação a minha! Que dirá a mamãe quando souber?!... Aquele vaso de porcelana era tão bonito! Tinha umas flôres tão bem pintadas e a mamãe gostava tanto dele!... Não sei mesmo o que fazer... Aconteceu tudo tão depressa! Atirei a bola na parede (com muito cuidado, é claro!) e depois... Nem sei contar como foi! A bola deu um salto e, zás! caiu bem em cima do vaso, que se partiu! (*Passeia nervosa.*) E era um vaso de estimação! Que farei agora? Que direi à mamãe? Tentei cuidadosamente colar os cacos, mas não arranjei coisa alguma. Quem pode concertar um vaso de porcelana que se partiu em mil pedaços? (*Mudando de tom.*) Bem. Só ha uma solução: vou mentir... Dizer, por

exemplo, que... que foi o gato! Pelo menos me salvarei de uns bons tapas... (*Alegremente.*) Que boa idéia! (*Pensativa.*) Mas o peor é que a mamãe sempre adivinha quando eu minto. (*Com raiva.*) Também sou uma boba. Quando vou dizer uma mentira, atrapalho-me toda, fico vermelha como um tomate, gaguejo... Sim: até chego a gaguejar! E a mamãe descobre tudo... Mas si eu estudasse bem o que tenho a dizer, talvez as coisas corressem melhor. Vejamos. Mamãe chega e eu lhe direi logo: "Mamãe, foi o gato que quebrou o vaso..." (*Mudando de tom.*) Não. Ainda não está bem. (*Com voz mais fina.*) "Mamãe, o gato quebrou o vaso. Eu vi!..." E, depois, ponto final no assunto. (*Um momento de silêncio.*) Engraçado! Não estou tão contente como imaginei... Não gosto de mentir! Bem sei que é pecado... E o pecado, por menor que seja, não se deve fazer... (*Passeia pensativa.*) Conto ou não conto a verdade? Bem. Já resolvi! Conto tudo. Mentir é pecado. Está escrito no catecismo e todo mundo sabe disso. Eu ia fugir do castigo, mas mentindo também serei castigada com o fogo do purgatório... Livra! Acho que prefiro os tapas da mamãe! (Ela bate com força também, mas é preferível...) Faço uma boa ação, confessando a minha culpa, e livro-me de coisa peor... Acho que resolvi meu caso da melhor maneira possível: direi a verdade e pronto! É o que vou fazer! (*Sáe apressadamente, chamando.*) Mamãe!... Mamãe!...

(Cáe o pano.)

REGINA MELILLO DE SOUZA

DISTINÇÃO

Um aluno, interrogado, permanece mudo.

— Então, diz-lhe o mestre, minha pergunta atrapalhou-te?

— Não foi a pergunta, responde o aluno, mas sim a resposta.

★

TUDO SE EXPLICA

— Ó Zéca, disseste-me que eras o primeiro da classe e o mestre disse-me, agora, que és o último!

— Ah! titio, é que o professor começa a contar pelo princípio e eu conto pelo fim!

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (12)



— E tens a certeza de que o mundo lhe concederá a posição e o nome que lhe não pertencem?

— Quem poderá disputar-lhos, se outorgados por mim?

— Aqueles que sabem que não está em teu poder, nem mesmo no de algum mortal, fazer com que o que foi deixe de ter sido; aqueles que sabem que a legitimidade, essa nobre procedência que criou a nobreza, não admite enxertos em seu poderoso tronco, que só nutre suas ramas e nunca uma parasita!

— Meu Deus! exclamou a Assistente. Acaso para tratar, apreciar e estimar essa menina angelical, será preciso antes examinar os seus pergaminhos, Inês? Perguntas por ventura à rosa, cuja vista e perfume te encantam e inebriam, si se criou em um rico vaso chinês ou num fêsto de barro de Triana?

— Não se comparam as pessoas no mundo como as flôres no jardim. É preciso considerar as coisas mais sériamente. Não se pode abandonar o futuro como uma vela ao sôpro do acaso. A verdadeira amizade não é cega: é previdente. Que felicidade sólida tens para oferecer a essa menina no século em compensação da que goza no Convento, onde ela deseja permanecer?

— Nenhuma.

— Então, que é que te move a tirá-la dali?

— O amor que lhe dedico.

— É um amor mal entendido, Isabel.

— O amor só o entende quem o sente, Inês.

— Porém, que lucro haverá para ti ou para ela em sair do Convento?

— Para ela é que, antes de eleger estado, conheça o que renuncia e escolha livremente o que prefira. Haveria eu de ocultar-lhe um bem, afim de que não o apetecesse? Não! Para mim, o de tê-la a meu lado, afim de alegrar os meus últimos anos de vida, como o rouxinol alegra o dia

que se apaga. Morta eu, terá ela tempo, se quizer, de voltar ao Convento.

— Pode ser que, então, seja muito tarde, irmã! Antes de tudo, Isabel, para decidir uma coisa é preciso prever todos os contratempos possíveis e estudar todos os seus aspectos.

— Se o temor dos infinitos resultados que podem sobrevir impedisse nossos projetos bem intencionados, poucos deles seriam levados a cabo.

— Ao menos, Isabel, não te precipites! Pensa bem e depois... sempre será tempo.

— Irmã, disse com viveza a Assistente, o que entra no caminho do "depois" desemboca na encruzilhada do "nunca"!

— A prudência tem impedido muitas desgraças!

— Muitas vezes essa mesma prudência tem ocultado más intenções!

— Pois si nada te move, disse a marquesa levantando-se, si teimas em agir sem meditar no que vais fazer, si meus conselhos são nulos e até parecem incomodar-te, não me resta mais nada a fazer sinão pedir-te que te lembres das minhas palavras! Desejo que não te arrependas de have-las repellido!

Apenas havia saído a marquesa, entrou Maria, cujo semblante parecia um ponto de interrogação.

A Assistente, como toda pessoa de gênio forte, mimada e feliz em toda a sua vida, era voluntariosa e sustentava a todo custo as suas opiniões, tanto mais agora, que obedecia aos ímpetos de seu nobre coração.

— Maria, disse ela à criada, põe depressa teu chale e vai visitar a pobre enferma. Vai também ao Convento e dize à Abadessa, de minha parte, depois de dar-lhe muitas recomendações, que tenha bondade de permitir que eu mande buscar a menina daqui a tres dias; que é tempo de tê-la ao meu lado e que muitos dos meus parentes estão desejando tornar a vê-la. E agora não me detenho mais! Vou ver a pobre viuva.

Dizendo isto, saíu, deixando a boa Maria nadando em júbilo.

A fiel empregada, com sua agudeza andaluza, havia adivinhado o motivo da vinda da marquesa, e conhecendo o caráter de sua ama, viu suas suspeitas confirmadas pela ordem que acabava de receber.

(Continua)

Verdade histórica

Certa ocasião, Luis Felipe, rei da França, havia encarregado o célebre pintor Horácio Vernet para que pintasse um quadro representando a tomada de Valenciennes.

O artista começou o trabalho e um dia apresentou-se no "atelier" o monarca, acompanhado de um de seus cortesãos, a-fim-de verificar como ia a obra.

— Desejo — disse — que Luis XIV figure na tela em primeiro plano, precedendo a coluna de assalto e franqueando a paliçada.

— Ah, senhor! — protestou Vernet. — Isso não posso fazer.

— Por que? — perguntou Luis Felipe, um pouco incomodado diante da negativa do pintor.

— Porque o rei não estava ali.
— Estais tão ao corrente dêsse feito glorioso?

— Sim, senhor.

— Mas é uma tradição de família — acrescentou o monarca insistindo — e quero que se faça.

— Impossível, senhor — retrucou o pintor. — A história desmente essa tradição, pois é sabido que Luis XIV, na tomada de Valenciennes, estava a quatro léguas da brecha.

Então entrevistou o senhor de Cailleux, que acompanhava o soberano e disse com severidade:

— O rei vos paga e deveis fazer o que ele vos manda!

— O rei não me paga para mentir — repôs Vernet altivamente.

Uma cousa impossível

não pode existir, como também não pode existir um verdadeiro amigo das Missões sem a sua

FOLHINHA MISSIONÁRIA

Si deseja saber alguma cousa acêrca das Missões, compre a FOLHINHA MISSIONÁRIA.

Preço 5\$000 e mais o porte

Pedidos à

Administração da
"AVE MARIA"

Caixa, 615 — São Paulo

NOVIDADE

MISSIONÁRIA !

Luzes e Chamas

do erúditto PADRE ASTÉRIO PASCOAL, C. M. F., é o livro oportuno e de singular atualidade. É tal o interesse suggestivo das suas páginas, que tomado nas mãos, não se larga mais até terminar a sua leitura.

PREÇO: 5\$000

Pelo correio: 6\$000

Pedidos à

Administração da
"AVE MARIA"

Caixa, 615 São Paulo

CASA SANTO ANTÔNIO

de HENRIQUE HEINS

LIVRARIA CATÓLICA. — Fábrica de Imagens.
Oficina de paramentos e estandartes.

Grande sortimento de artigos religiosos em geral.
Vendas por atacado e a varejo.

Rua Quintino Bocaiuva, 76-A

São Paulo

VIDROS E VITRAIS

Galliano & Comp.
IMPORTADORES

S
Ã
O
P
A
U
L
O

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAIS ARTÍSTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

★

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544



Digestão difícil...

Sonolência após as
refeições?

ELIXIR EUPEPTICO WERNECK

normaliza a vida dos dispépticos

e dos fracos de apetite

GINÁSIO SÃO JOSÉ

BATATAIS (Estado de São Paulo)

Dos Padres Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria
O INTERNATO IDEAL

O clima excelente, a alimentação de primeira ordem, a riqueza da água, que é abundante e própria, são fatores que muito contribuem para a saúde ótima de que gozam os alunos deste educandário.

A piscina, o cinema sincronizado, os viveiros de pássaros, jardins e extensos campos de recreio e esporte, fazem com que os alunos estudem com estímulo e entre os encantos de uma vida escolar cheia de atrativos.

Pensão por semestre escolar	Preparatórios	850\$000
	Ginásial	1:000\$000

Vinho para consagrar "Cruzeiro"

Exmos. Srs. Sacerdotes!

Peçam Vinho para consagrar marca "CRUZEIRO".

Aprovado pelos Exmos. Srs. D. António Reis, Bispo de Santa Maria, D. Hermeto, Bispo de Uruguaiana, e D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral.

Usado ha mais de 10 anos na Catedral Metropolitana de Porto Alegre.

PRODUTORES:

LUIZ MICHIELON & CIA.

Sede em PÔRTO ALEGRE:

Rua da Conceição n.º 422

Caixa Postal, 514

End. tel. "MIMO"

Seção Agrícola e Industrial em CAXIAS

FOLHINHAS PARA 1942

Folhinha das Missões 5\$000

Pelo correio mais 1\$000

Folhinha do Coração de Jesús . . . 4\$000

Pelo correio mais 1\$000

Folhinha de Santo António 4\$000

Pelo correio mais 1\$000

Almanaque N. Sra. Aparecida 5\$000

Pelo correio mais 1\$000

Os 4 juntos, pelo correio, 18\$000

Pedidos à

Administração da
"AVE MARIA"

Caixa, 615 — São Paulo

NUNCA ESTÁ *manhoso!*

Com qualquer chocalhozinho esta criança se diverte, e até mesmo sem brinquedo algum! É que no geral a alegria de uma criança reside na sua saúde. Não ha criança manhosa nem criança triste. Se choraminga, está doente, falta-lhe alguma coisa!

Durante o período da dentição, a CAMOMILLINA evita as perturbações na saúde da criança. Corrige os transtornos digestivos comuns à primeira idade, suaviza-lhe a sua excitação e impede as verminoses.

A CAMOMILLINA dá os melhores resultados no tratamento de cólicas, diarreia, gastro-enterite, febre, insônia, etc. Contendo fosfatos e cálcio, proporciona ao organismo infantil material de que necessita para a formação dos ossos, dentes, etc. Dá-se CAMOMILLINA às crianças desde cerca de quatro meses de idade.



CAMOMILLINA

PARA A DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS